

## MOTIVAÇÕES E CRENÇAS DE ALUNOS DO SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL QUANTO A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

*Rosilene Oliveira Torres (Uneal)*

### 1- INTRODUÇÃO

A busca por respostas para os mais diversos problemas relacionados à aprendizagem de língua inglesa é um interesse comum a professores de línguas, alunos em formação e demais estudiosos da área da linguística. É comum se ouvir relatos de professores desmotivados com seus alunos, pois por mais empenho que dedicam a suas aulas, não conseguem despertar no aluno o desejo de aprender. Frequentemente também se ouve depoimentos de alunos estagiários que ao iniciarem sua prática pedagógica, logo observam o descaso de alunos quanto à aprendizagem de língua inglesa. Apresentam-se então alguns questionamentos: Quais os motivos que levam os alunos a terem uma visão tão restrita de LI? Será que suas crenças interferem em sua aprendizagem? Os conteúdos aplicados têm alguma relação com o conhecimento de cada um? Essas são indagações que serão discutidas no decorrer do trabalho.

Procedeu-se, nesta pesquisa, a aplicação de um questionário semi-estruturado, envolvendo vinte alunos que estudam em uma escola da rede pública, no município de Igaci- Alagoas. Todos os alunos entrevistados residem na zona rural e, dos vinte, apenas um tem renda familiar superior a um salário mínimo. Os alunos se incluem em uma faixa etária entre onze e catorze anos.

Após a aplicação do questionário, foram analisadas as crenças e motivações presentes nas respostas dos alunos, mesmo que de forma implícita. A partir dessa análise decorrem as discussões baseadas em textos de autores que tratam do tema.

Neste artigo, abordam-se, primeiramente, alguns conceitos de crenças e a relação entre crenças e motivações. Em segundo lugar, apresenta-se a análise dos resultados obtidos na pesquisa, e finaliza-se com a apresentação de traços conclusivos e algumas sugestões que possam melhorar o ensino de inglês nas escolas públicas.

## 2- A RELAÇÃO ENTRE CRENÇAS E MOTIVAÇÕES

“Entendemos que as crenças são construtos de verdades aos quais aderimos ou não e são construídas a partir da história do indivíduo e a partir de sua interação com o meio, além de poder admitir graus” (GARBUIO, 2010, p. 90). É a partir dessa visão que se iniciam as discussões sobre o conceito de crença, já que a mesma é conceituada de diversos modos por diferentes autores. Percebe-se através do conceito citado, que o indivíduo tem a opção de escolher se quer aderir a uma crença ou não, e que as experiências e o contato com culturas diferentes são importantes na formação de crenças, já que elas são construídas a partir da história do indivíduo.

O conceito de crenças tem sido alvo de várias pesquisas no Brasil, tais estudos envolvem aspectos relacionados ao ensino-aprendizagem de LI. Dentre os conceitos estudados, “Consideramos crenças como ficções criadas para explicar as propriedades implícitas do comportamento” (LIMA, 2010, p.148). Este conceito é o mais próximo da questão tratada aqui, onde as crenças são vistas como criações fictícias que sustentam os propósitos de cada indivíduo, e é através delas que se pode influenciar ou ser influenciado, pois é por meio destas que os objetivos dos estudantes se concretizam. Porém isso não significa que tais crenças sejam imutáveis, pois é possível que, ao se expandir conhecimentos e olhares para determinados problemas, as crenças dos indivíduos sofram mudanças.

Lima (2010) mostra que assim como existem vários trabalhos que apresentam diferentes definições de crenças, há também trabalhos que associam motivação a crenças. Tais pesquisas sugerem que os hábitos de estudos são influenciados pelas crenças. Isto leva a uma reflexão sobre o papel fundamental do professor, que é o de estimular o aluno a desenvolver o gosto pela disciplina. Um aluno motivado estará mais predisposto a contribuir para o seu processo de aprendizagem em língua inglesa, consequentemente, alcançará o sucesso, nessa empreitada, com maior facilidade.

Aprender uma língua estrangeira (doravante LE), nos dias atuais, ainda é um privilégio para poucos, pois infelizmente as pessoas ainda acreditam que aprender uma LE deve ser uma prerrogativa da classe alta. Barcelos (2007) apresenta algumas pesquisas onde essa hipótese foi confirmada, pois os alunos acreditam que só se aprende inglês indo para o exterior, ou no mínimo ingressando em um curso de idiomas, e isso

confirma também algumas crenças que esses alunos têm sobre a escola pública. No entanto, sabe-se que não é preciso viajar para o exterior ou figurar entre as classes mais favorecidas para estar envolvido com a língua inglesa, basta observar os anúncios, as músicas, a linguagem do computador etc., para perceber que o inglês é uma disciplina de utilização real que pode constituir alicerce para um bom futuro profissional.

É a partir desses olhares que se percebe a importância de um professor conscientizado e motivado que busca, constantemente, ampliar os horizontes dos alunos. E, uma vez consciente do seu papel, o professor buscará envolver os alunos, ajudando-os a desenvolver seu senso crítico e tornando-os mais participativos na atual sociedade globalizada.

### 3- ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com base nos resultados, discutem-se, agora, algumas respostas que deixam transparecer crenças e motivações dos alunos.

Os alunos dizem estar satisfeitos com o ensino de inglês. Segundo os mesmos, os recursos utilizados nas aulas são apenas quadro-negro, giz e som. A escola só dispõe de dicionários como fonte de pesquisas em inglês, e desses alunos, cinquenta e cinco por cento estudam inglês apenas na escola e os outros quarenta e cinco por cento estudam na escola e em casa, neste último caso, apenas para responder as atividades propostas. Então o que seria aprender inglês para estes alunos? E qual a importância desta aprendizagem? Pois se eles estão satisfeitos em dedicar apenas duas horas semanais para desenvolver o aprendizado em uma língua estrangeira, é porque eles desconhecem a real importância dessa aprendizagem. Lima (2005, *apud* BARCELOS, 2007, p.55) afirma que “a motivação, por sua vez, impulsiona o indivíduo para a ação, a qual influencia o sucesso e sustenta a crença e a motivação”. O que se percebe é que esses alunos não estão sendo motivados a conhecer outras culturas e conhecimentos fora do contexto escolar.

Os dados sugerem que 19 (dezenove) dos 20 (vinte) alunos entrevistados, consideram inglês uma disciplina importante. No quadro abaixo, apresenta-se alguns motivos relevantes em que os alunos sustentam suas crenças.

<b>Inglês é uma disciplina importante por que:</b>	<b>Número de respostas</b>
Faz parte do currículo	4
Faz parte do currículo e é a oportunidade de conhecer outra cultura	5
É uma língua falada em todo mundo	5
É uma língua falada em todo mundo e útil para compreender termos utilizados no cotidiano	4
Somente útil para compreender termos utilizados no cotidiano	1
Não é importante	1
Total de alunos que responderam ao questionário	20

Observa-se, então, a partir da análise do quadro acima, que 05 (cinco) alunos não apresentam nenhuma motivação para a aprendizagem de inglês. No entanto, 15 (quinze) demonstram ter uma motivação extrínseca para investir nesse bem cultural, quando citam que o inglês é importante por ser falado em todo mundo, é ter oportunidade de conhecer outras culturas, ou compreender termos utilizados no cotidiano. Ou seja, esses alunos acreditam que para ser bem sucedido é preciso ter acesso a esse conhecimento. É importante ressaltar aqui a diferença entre motivação intrínseca e extrínseca. A motivação intrínseca diz respeito às atividades desenvolvidas através de interesses próprios, sem almejar nenhuma recompensa. Já a motivação extrínseca parte dos estímulos e das influências do meio em que o indivíduo está inserido.

Se for considerado que esses alunos estão iniciando o conhecimento de uma língua estrangeira e que as perspectivas para tal aprendizagem ainda se mostram baixa, pode-se perceber que o professor ainda tem muito que despertar nesses alunos, e que os professores de LI precisam inovar seus métodos, para que, assim, possam atrair a atenção do alunado. É preciso que os alunos compreendam o contexto abordado e que o mesmo tenha alguma relação com sua realidade. PAIVA (2005) em artigo que discute como se aprende uma língua estrangeira, aborda questões relacionadas a métodos de

ensino e enfatiza que muitas vezes os métodos anteriores, utilizados para desenvolver a aprendizagem em língua estrangeira, não produziam enunciados que possibilitassem uma comunicação em situação real, e, por isso esses métodos não foram bem sucedidos.

Daí compreende-se que os métodos utilizados pelo professor também podem ser eficazes quanto à motivação nas aulas de língua inglesa, para isso o professor precisa estar em contato direto com as novas tecnologias e as novas abordagens de ensino, ou seja, ele precisa ser um pesquisador constante. Deste modo, poderá desenvolver sua competência profissional, como sugere Garbuio (2010. p. 87): “a competência profissional é desenvolvida quando o professor conhece sua importância social como profissional do ensino de línguas e quando está engajado em atividades de atualização de forma permanente”.

Segundo Leffa (2001, *apud* BASSO, p.74), “O professor de LE quando ensina um aluno, toca o ser humano na sua essência - provoca mudanças, ajuda-o a evoluir pela e na nova língua”. Sabe-se que no desenvolvimento da aprendizagem, em geral, o professor não é o detentor do saber, porém ele assume o papel de estimulador na busca do conhecimento, e isso representa um papel muito importante para ele, pois através das novas tecnologias, o aluno pode ter acesso sozinho a diversos conhecimentos, até o ponto de acreditar que ele não precisa de professor. No entanto, a essência que o professor traz consigo, a relação de afetividade e amizade e a forma como o professor auxilia na busca do conhecimento é o que o faz ser diferente. E, assim, retoma-se o pensamento de que os professores podem interferir nas crenças dos alunos, e que quanto mais motivado o professor estiver em suas aulas mais atraentes elas se tornarão aos olhos dos alunos.

Na medida em que as perguntas foram sendo respondidas, as crenças dos alunos foram se confirmando. Ao se auto-avaliarem quanto à aprendizagem de língua inglesa, os alunos deixaram transparecer as mesmas crenças citadas anteriormente. Ou melhor, dos 20 (vinte) alunos, 03 (três) responderam que precisam estudar somente para passar de ano; 01 (um) respondeu que já tem conhecimento suficiente e 16 (dezesesseis) responderam que precisam estudar mais. Evidencia-se assim que as hipóteses de baixo estímulo, ainda se confirmam para alguns alunos. Porém, existem alunos que esperam aprender muito mais, ou seja, suas crenças já estão começando a se consolidar e para que elas sejam bem sucedidas espera-se que eles também sejam motivados, já que

motivação e crenças têm uma relação bem próxima.

#### 4- CONCLUSÃO

Neste trabalho, foram investigadas crenças e motivações de alunos de uma escola pública. Os dados obtidos apresentam as crenças que os alunos trazem consigo. No entanto, os resultados apontam para a necessidade de uma pesquisa mais ampla, que abranja não apenas os alunos, mas também o corpo docente, e sugere reflexões sobre o atual ensino de inglês.

No desenvolvimento da aprendizagem, o aluno poderá construir conhecimentos da maneira como achar mais conveniente, o que os faz aprender é a motivação que eles desenvolvem em cada disciplina, e essa motivação está intimamente ligada às crenças que esse aluno traz consigo. Se o mesmo tem crenças e motivações que o impulsionam para uma aprendizagem satisfatória, ele poderá ser bem sucedido. Caso contrário, poderá desistir, desanimar, logo no início do processo.

Este estudo proporcionou uma reflexão não apenas sobre as crenças desses alunos, mas também sobre o papel dos futuros professores de língua inglesa, já que foi possível perceber que o professor é a mola propulsora para uma aprendizagem satisfatória. Percebe-se também que é necessário que haja uma conscientização da importância do conhecimento de uma língua estrangeira, não apenas para os alunos, mas também para professores e todos que fazem parte do processo educacional da escola pesquisada. É necessário que haja uma melhoria não somente na proposta curricular de língua inglesa, mas principalmente na prática do professor, para garantir a eficiência do processo de ensino e aprendizagem, promovendo, assim, o desenvolvimento da cidadania e a ampliação da compreensão de mundo do aluno e, desta forma, sua inclusão e não apenas inserção no processo educacional em língua estrangeira.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, Ana Maria Ferreira; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. **Crenças e Ensino de Línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. 2ed. Campinas:

Pontes, 2010.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas: Reflexões de uma década de pesquisa no Brasil.- In: ALVAREZ, Maria Luiza Ortiz; SILVA, Kleber Aparecido da (org.). **Linguística Aplicada: Múltiplos Olhares**. Campinas: Pontes, 2007.

BASSO, Edcleia A. Quando a crença faz a diferença. –In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. **Crenças e Ensino de Línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. 2ed. Campinas: Pontes, 2010. P. 65-85.

GARBUIO, Luciene Maria. Crenças sobre a língua que ensino: Foco na competência implícita do professor de língua estrangeira. \_ In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. **Crenças e Ensino de Línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. 2ed. Campinas: Pontes, 2010. P. 87-104

LIMA, Solange dos Santos. Crenças e expectativas de um professor e alunos de uma sala de quinta série e suas influências no processo de ensino aprendizagem de inglês em escola pública. –In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. **Crenças e Ensino de Línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. 2ed. Campinas: Pontes, 2010. P. 147-162.

PAIVA, V.L.M.O. Como se aprende uma língua estrangeira? In: ANASTÁCIO, E.B.A.; MALHEIROS, M.R.T.L.; FIGLIOLINI, M.C.R. (Orgs). **Tendências contemporâneas em Letras**. Campo Grande: Editora da UNIDERP, 2005. p. 127-140.